

# Abaixo a censura em sala de aula

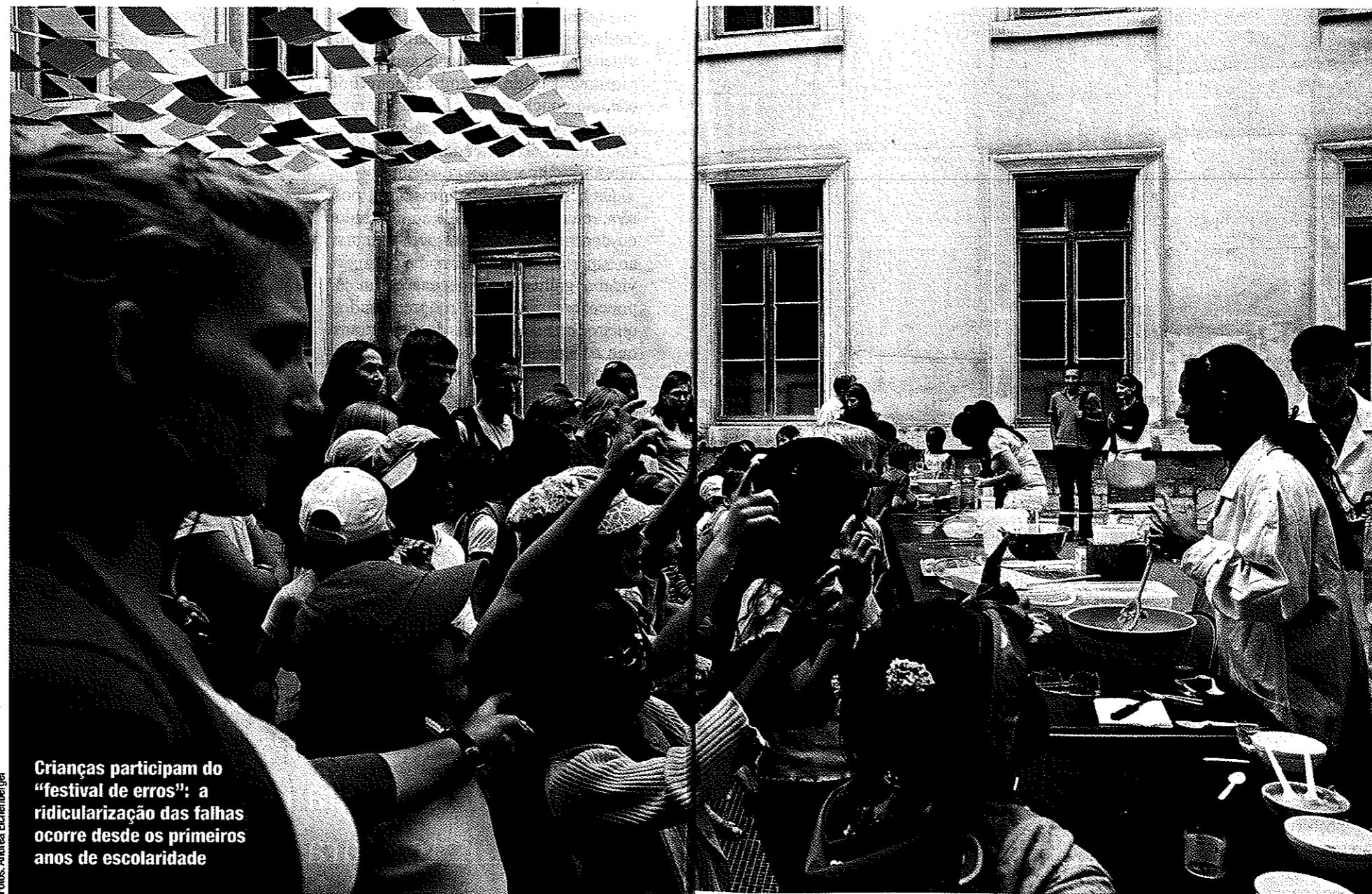
Acostumados à perfeição, franceses tentam ensinar o óbvio: errar é humano. E necessário para a ciência

Lúcia Müzell, de Paris

**A** busca pela perfeição e a intolerância à falha chegaram a tal ponto no ensino francês que foi necessário um evento de apelo à experimentação para chamar a atenção para uma constatação banal, porém em esquecimento no meio acadêmico do país: errar é humano. Chamado de *Desengane-se: um festival de erros*, o evento levou para a prestigiada Escola Normal Superior (ENS) um ambiente descontraído ao qual as grandes *écoles* definitivamente não estão acostumadas e lembrou aos jovens – e, por que não, aos professores – que a evolução da ciência é resultado de muitas tentativas frustradas para cada grande acerto.

O *mea culpa* partiu das próprias instituições – entre elas a Escola Politécnica, a Sorbonne e o Collège de France –, que separaram quatro dias das férias de julho para debater o erro por meio de brincadeiras, exposições e palestras. O tema, alega o comitê científico organizador do evento, é uma clara provocação, em um meio onde o ensino ainda é bastante catadrático e o aluno que ousa erguer a mão para interrogar o professor sofre a censura até dos próprios colegas.

Claude Cohen-Tannoudji, Jean-Marie Lehn e François Jacob, todos laureados no passado com prêmios Nobel, eram alguns dos nomes famosos que apadrinharam o evento, deixando claro



Crianças participam do "festival de erros": a ridicularização das falhas ocorre desde os primeiros anos de escolaridade

que, apesar do clima divertido instalado nas dependências da ENS durante o festival, o assunto é sério e precisa ser mais bem debatido.

"Quisemos incentivá-los a experimentar o método 'colocando a mão na

massa'. Já estava mais do que na hora de a França debater o cerceamento da imaginação dos alunos e pesquisadores, que é cotidiano", avalia Michel Morange, que com outros oito cientistas destacados integrou o comitê. "A ciência

é percurso de muito mais erros do que acertos, afinal, as soluções não caem do céu. Mas, paradoxalmente, nas salas de aula e nos laboratórios os professores não dão mais espaço para a tentativa, o experimento", ressepte-se Morange.

**A** era do professor-mestre e do aluno-passivo já deveria ter cedido espaço a aulas mais interativas, porém ainda é a regra no ambiente acadêmico não apenas da França, como na maioria dos países desenvolvidos, constata Morange. O pesquisador da ENS está ciente de que a mudança de conceitos e das práticas é um processo longo e profundo, razão pela qual escolheu direcionar o festival ao público infantil e adolescente – afinal, a prática do ensino conservador francês e da ridicularização das falhas parte desde os primeiros anos da escolaridade.

Para provar que o erro está longe de ser um crime, o biólogo faz questão de lembrar de célebres descobertas que foram feitas ao acaso, como a das vacinas e da penicilina – descoberta sem querer pelo escocês Alexander Fleming.

Um estudo sobre a performance escolar realizado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) confirma a tendência ao "engessamento" do ensino na França: os jovens do país se destacam entre os mais ansiosos e mais temerosos da Europa sobre questões inesperadas. Estimulados a revisar à exaustão os temas tratados nas aulas ou indicados pelos professores, os alunos franceses se veem bloqueados face a novos

**JÁ ESTAVA MAIS DO QUE NA HORA DE A FRANÇA DEBATER O CERCEAMENTO DA IMAGINAÇÃO DOS ALUNOS E PESQUISADORES, ALGO QUE É COTIDIANO**